

ARTIGO DE OPINIÃO

A CHINA E SEUS NOVOS CAMPOS DE RETENÇÃO

POR:
**Lucas Passos
Machado**

2º Ano Matutino

“Nesse momento, pode haver um milhão de muçulmanos em enormes prisões no noroeste da China. A seguir, um resumo sobre as causas e consequências dessa crise humanitária.”

Introdução

Nos últimos meses, agências de notícias, como a *BBC*, e órgãos públicos de diversos países, como o Departamento de Defesa dos EUA, têm chamado atenção para a construção de grandes instalações de segurança, no noroeste da China, onde estariam sendo detidos pelo o governo chinês não menos que um milhão de homens e mulheres, segundo dados do Departamento de Estado Estadunidense citados no Painel da ONU para Direitos Humanos.

Como apresentado em matérias da Reuters, o surgimento de mais de 90 estruturas chamadas pela mídia de “campos de aprisionamento”, nos últimos dois anos, faz parte de uma série de políticas do governo chinês que oprimem uma minoria étnica muçulmana, o povo **uigur**.

Quem são os Uigures?

Um grupo étnico e uma das 56 nacionalidades que vivem no território da atual China. A saber, a maior das minorias islâmicas chinesas e os habitantes originais da região de **Xinjiang**.

Sua língua não é o mandarim, mas o idioma uigur, de origem turcomena. Sua religião predominante, o islamismo, difere-se das religiões chinesas tradicionais. Seu

aspecto físico pode ser bem variado, porém visivelmente diferente do da etnia Han, que compõe 95% da população da China.

A Província

Maior do que o estado do Amazonas, Xinjiang é uma região autônoma da República Popular da China e divide fronteiras largas com países centro-asiáticos como Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Afeganistão. Nessas **nações**, o povo uigur tem suas origens étnicas, linguísticas e culturais.

Outros nomes que a região recebe de seus habitantes são “Turquestão Oriental” e “Uiguristão”.

Historicamente, a província era protetorado do Império Chinês desde o século I a.C. Em dois breves momentos do século XX, estabeleceram-se nela estados soberanos independentes, que acabaram reconquistados pelos exércitos da china comunista.

Muito é dito sobre sua importância econômica: segundo o Escritório Nacional de Estatísticas da China, Xinjiang concentra 40% das reservas de carvão do país e mais de 20% das de petróleo e gás natural. Fora isso, artigos da *BBC* e da *CNN* mencionam sua importância para um projeto econômico trilionário do governo de Pequim.

A *Belt and Road Initiative* traduz-se na execução de obras de infraestrutura como ferrovias, gasodutos e canais de fibra óptica. Projetos assim ligariam o centro produtivo chinês (ao sudeste) com, dentre outras regiões, o centro asiático e o Oriente Médio, como cita a *Vox*. Geograficamente, entre o leste chinês e esses mercados, localiza-se Xinjiang. Uma nação independente em seu lugar representaria um obstáculo para o projeto, afirmam analistas da *Vox* e da *Reuters*.

Hoje, há uigures que defendem a separação de sua terra natal do **Estado** chinês. A última rebelião separatista popular ocorreu na capital provincial Ürümqi, em 2009. No episódio, cerca de 200 pessoas foram mortas em conflitos de rua, como apontou a polícia de Ürümqi à época. Segundo a analista Sigal Samuel, as medidas de vigilância e controle em Xinjiang aumentaram exponencialmente desde o acontecimento.

Superprisões

As enormes prisões, **assim** chamadas pela comunidade internacional, têm sido encontradas e monitoradas **por meio** de imagens de satélite tanto por jornalistas do mundo todo como por analistas de vários governos. Algumas, como demonstra uma reportagem

da *Vox* em maio, chegam a ter uma área maior do que as pequenas e médias cidades em que são construídas.

As agências *Reuters*, *BBC*, *Vice* e *CNN* fizeram uma série de reportagens com visitas aos centros de retenção e entrevistas a alguns ex-detentos que hoje vivem em Washington, DC. Liberados há menos de dois anos, um pequeno número deles usa o termo “campos de concentração” enquanto **denunciam** prisões arbitrárias, abusos físicos, **tortura** e situações em que foram forçados a criticar princípios do islã. Alegam, em entrevista à *Vice* em maio, terem sido presos por motivos **diversos**, como estudar a língua árabe e ter aplicativos de mensagens em seus celulares. Os abusos também foram citados no Conselho de Direitos Humanos da ONU no último ano.

A princípio, a porta-voz do Ministério de Relações Exteriores chinês, Hua Chunying, negou a existência das instalações, alegando que “os citados problemas em relação aos uigures francamente não existem” e que “[uigures] aproveitam alegremente a liberdade religiosa ditada pelas leis atuais”. Entretanto, meses depois, o governo chinês admitiu a existência dos campos e os classificou como “**centros de treinamento e educação vocacional para criminosos e terroristas em potencial**”. Seu objetivo, segundo Pequim, é afastar a população do extremismo religioso, do terrorismo e do separatismo.

As reportagens da *BBC* que visitaram as instalações, com permissão e acompanhamento de oficiais do governo, apresentam uigures realizando atividades como dança, aulas de informática e de mandarim (única língua oficial da China, que não é materna aos uigures).

Também é mostrada, na reportagem, a recitação de hinos e lemas do Partido Comunista Chinês. **Durante entrevistas, os supostos detentos alegaram** viverem nos centros de treinamento por vontade própria e que poderiam sair dos estabelecimentos quando quisessem.

Opressão nas cidades

As visitas documentadas aos centros urbanos de Xinjiang apontam outros sinais de opressão às comunidades islâmicas da região.

A princípio, a *Vox* explica que o **Governo** central promove políticas de incentivo à migração de chineses de outras regiões para a província desde a década de 1950. Tais

políticas teriam feito a proporção de habitantes de etnia Han (etnia de 95% do país) aumentar de 6,2% (contra 86,7% de uigures) em 1945 para 39,2% (contra 46,1% de uigures) em 2008, segundo dados oficiais da região.

Nesse escopo, durante o recente desenvolvimento econômico de Xinjiang, dados de censos do governo da China apontam que uigures continuaram trabalhando em atividades de baixa-renda como a agricultura familiar, enquanto os Han compõem hoje a força de trabalho de atividades mais lucrativas como indústria e comércio.

Além disso, a *Vice* e a *BBC* têm reportagens investigando a atual situação das comunidades uigures nas cidades. Nelas, são evidenciados bairros predominantemente uigures com um bom número de casas abandonadas e estabelecimentos comerciais fechados. Alguns desses bairros têm alguns edifícios sob processo de demolição e reconstrução.

A reportagem não **autorizada da Vice**, gravada em Xinjiang, expõe o que analistas classificam como uma quantidade extremamente fora do padrão chinês de policiamento, vigilância e agentes da lei nas ruas da província. Nelas, evidenciam-se “**pontos de verificação**”, onde apenas uigures são obrigados a entregar seus celulares e mostrar seus documentos a oficiais.

Há também denúncias de que os passaportes de uigures teriam sido confiscados sem processo legal e de que, como mostrado na reportagem, muitos precisariam de permissão formal do governo para transitar entre cidades.

Dados oficiais chineses apontam um aumento de 306% de prisões formais nos últimos cinco anos em comparação aos cinco anteriores em Xinjiang. Legalmente, **cidadãos privados não podem dar entrevistas** sem autorização estatal na região autônoma.

A prática do islã

Outra questão abordada é a liberdade religiosa, garantida por lei em toda a China, segundo os porta-vozes de Pequim na ONU. Após relatos de que barbas longas teriam sido proibidas para jovens em algumas cidades, a *BBC* publicou matérias e gravou reportagens sobre a demolição de “dúzias” (como os repórteres ingleses citam) de mesquitas e símbolos religiosos muçulmanos em Xinjiang.

Segundo as matérias, a estrutura mais conhecida na região, os portões da mesquita de Aitika, fora destruída completamente no último ano. Também são destacadas imagens

gravadas em 2015 na principal mesquita de Ürümqi, nas quais há um grande número de fiéis em oração, em comparação à situação do lugar documentada no último junho, quando havia apenas alguns idosos em silêncio.

Em setembro de 2017, a China publicou novas regras de controle da liberdade religiosa que, segundo o governo, visavam a “frear o extremismo”. Desde março daquele ano, está proibido em Xinjiang o uso do véu islâmico integral e, segundo a *France-Press*, foram impostas também restrições que dissuadem a população de **prover** educação religiosa às crianças e de fazer jejum durante o Ramadã.

A constituição chinesa reconhece a "liberdade de crença religiosa", ou seja, a de crer em uma religião, mas não a "liberdade religiosa" em definição mais ampla, de acordo com a agência de notícias francesa.

Reação internacional

No último dia 11 de julho, como conta o *The Guardian*, embaixadores na ONU de 22 países enviaram uma carta aberta endereçada ao presidente do Conselho de Direitos Humanos condenando a forma como a China tem tratado os uigures e outras minorias islâmicas.

O grupo, que conta com embaixadores do Reino Unido, Canadá, Suíça, França, Alemanha e Japão, pede “o fim da prisão arbitrária e a liberdade de ir e vir”.

Um dia após o envio da carta, e no último dia do encontro do Conselho de Direitos Humanos em Genebra, embaixadores de outras 37 nações enviaram a sua própria carta elogiando as “medidas de contraterrorismo e desradicalização em Xinjiang”. Seus principais autores são os representantes da Rússia, Arábia Saudita, Síria, Cuba, Filipinas, Coreia do Norte e Venezuela. O governo do Brasil, presente na reunião, não assinou nenhum dos dois textos, segundo o jornal *Espresso*.

Fontes (a maioria) e leitura adicional:

PS: o último link é a lista online dos campos.

<https://www.youtube.com/watch?v=DewWSGTwOXo>

<https://www.youtube.com/watch?v=v7AYyUqrMuQ&t=970s>

<https://www.youtube.com/watch?v=ULaJVWOr4ko>

<https://www.youtube.com/watch?v=cMkHcZ5IwjU&t=93s>
<https://www.hoover.org/research/chinas-final-solution-xinjiang>
<https://www.vox.com/future-perfect/20...>
<https://www.vox.com/2018/8/15/1768422...>
<https://www.hoover.org/research/china...>
<https://geog.ucla.edu/sites/default/f...>
<https://www.wsj.com/articles/SB124811...>
<https://www.reuters.com/investigates/...>
<https://expresso.pt/internacional/2019-07-11-Mais-de-20-embaixadores-na-ONU-enviam-carta-de-condenacao-de-atuacao-chinesa-sobre-ugures-e-outras-minorias>
<https://news.un.org/pt/story/2019/02/1662012>

<https://medium.com/@shawnwzhang/list-...>